

C.P.

BULLETIN

BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL

DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO PESSOAL

Problemas recreativos

CORRESPONDÊNCIA

O 1.º prémio da lotaria de 27 de Fevereiro último coube ao n.º 233 que pelo *Boletim da C. P.* n.º 92 tinha sido atribuído ao colaborador *Britabran* es concorrente ao prémio anual do maior número de decifrações de produções charadísticas e ao colaborador *Labina* concorrente ao prémio trimestral desta Secção.

Aos felizes contemplados, as nossas sinceras felicitações.

No trimestre corrente Abril-Junho a obra a disputar será o *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* de Torrinha.

QUADRO DE DISTINÇÃO

Pinto, 22 votos — Produção n.º 4

QUADRO DE HONRA

Paladino, Marcial, Aleria, Britabranes, Cagliostro, Mefistófeles, Sancho Pança, Theseu, D. Quixote, Júpiter, Fan-Fan, Sardanápalo, Valeta, Gili, Mago, Jécé, Oriela, Nazi, Tupin, Semáforo, Tímpanas, Teiró, D. Juan, Pequeno, Sota, Gabi, e Lumar.

QUADRO DE MÉRITO

Roldão, P. Régo, Cruz Kanhoto, Costasilva, Fred-Rico, Novata, Veste-se, Otrebla, O Profeta, Fé, Bastos e Augusto (16); Marquês de Carinhos, Visconde de la Morlière, Visconde de Cambolh, Diabo Vermelho, Presto João e Manelik (15).

Soluções do n.º 92

1 — Aberto-aberta, 2 — Milheiro-milheira, 3 — Acato-acata, 4 — Homem põe e Deus dispõe, 5 — S, cal, salol, loa, l, 6 — Escape, 7 — Padrão, 8 — Cárrie, 9 — Caçoleta, 10 — Careca, 11 — Audácia, 12 — Mudar, 13 — Matinada, 14 — Tapa-olhos, 15 — Pastorela, 16 — Teso, 17 — Sonsoneto.

Aumentativas

1 — A fazenda que fica sobre os folhos dos vestidos é um enfeite muito grosseiro — 3.

D. Quixote

2 — A algibeira de mulher que fizeste no vestido foi um trabalho baldado — 2.

Otrebla

3 — Por debaixo do rochedo coberto de água está o rastilho que comunica o fogo à mina — 3.

Alerta

Biformes

4 — Dou-lhe crédito se me garante seriedade — 3.

Roldão

(Ao confrade Athos)

5 — Parece teres «empenho» em demonstrar a tua falta de carácter — 2.

Theseu

6 — A crença na continuação de existência depois da morte, tem sido fatal a muita gente — 2.

Visconde de Cambolh

7 — Viajei com uma pessoa muito bondosa já coberto de cans — 2.

Mefistófeles

8 — Em verso

A primeira vez que a vi — 1
Logo em meu peito senti
Certo tremor...
O seu olhar tão formoso
Suspirou-me, radioso
E louco amor!

'Screvi-lhe p'ra meu castigo...
Pois via em sério perigo — 2
Meu coração!...
Ai! a resposta que veio!
Que confiança! que anseio!...
Veio a paixão.

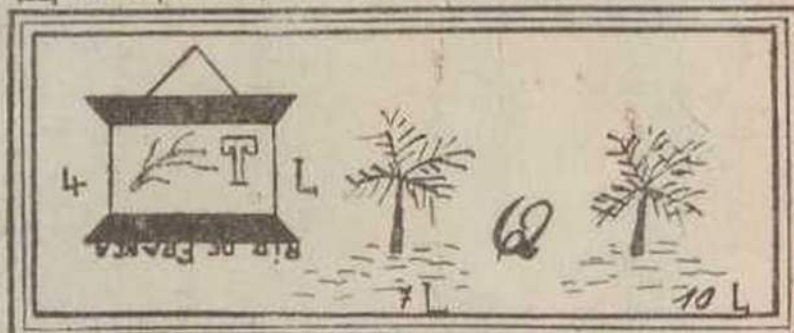
Mas depois... depois o resto,
Que pavor! Nem eu me presto
A descrever!...
Aquela «mulher» formosa — 2
Foi cruel! foi odiosa!...
Cuidei morrer!

Vi-a mais tarde, falei-lhe,
E a crueldade exprobei-lhe...
Ela contrita,
No rosto ingente emoção,
Disse-me apenas: Perdão!
Estou aflita!

Mito

9 —

ENIGMA — FIGURADO



Sardanápalo

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PROPRIEDADE
DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

DIRECTOR
O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro Alvaro de Lima Henriques

ADMINISTRAÇÃO
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação
de Santa Apolónia

Editor: Comercialista Carlos Simões de Albuquerque

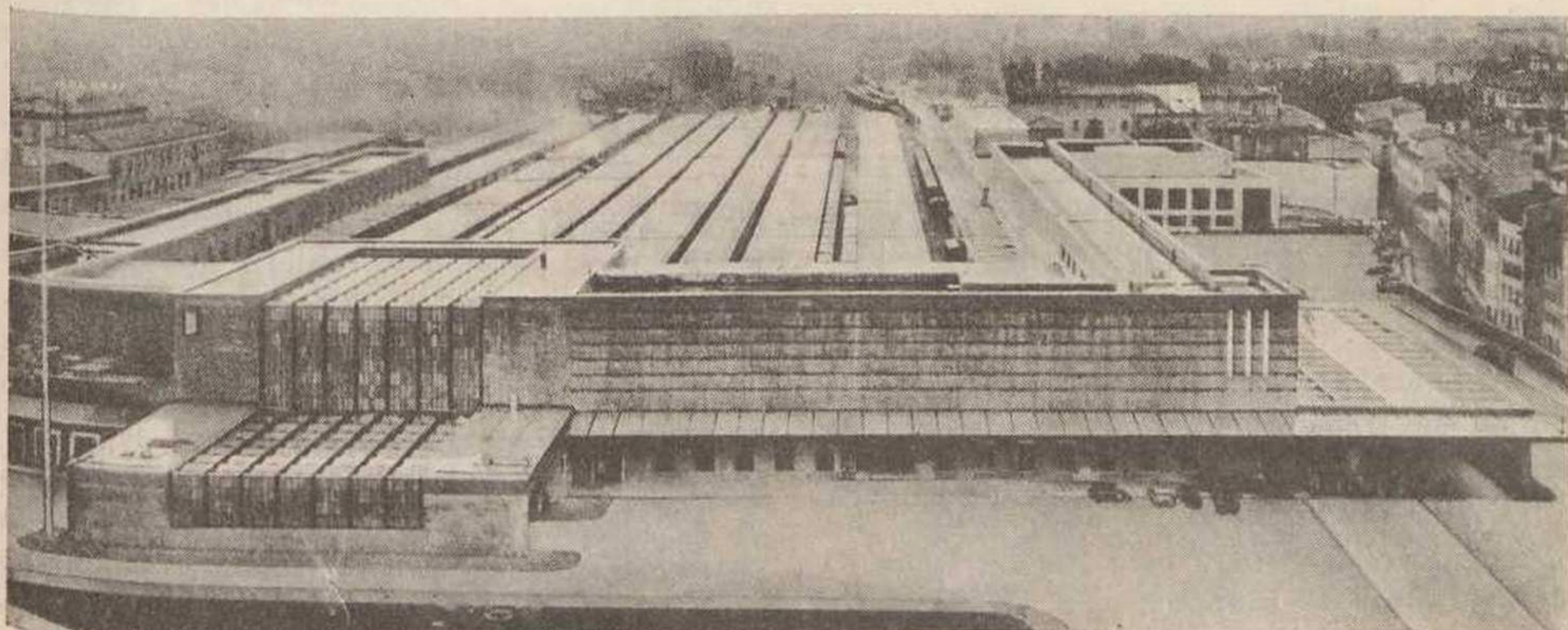
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

SUMÁRIO: A nova estação de Florença. — O culto das flores no Japão. — Concurso de desenhos e fotografias de 1936. — Consultas e Documentos. — Bombeiros Voluntários dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. — Ateneu Ferroviário. — Montepio Ferroviário. — Pessoal.

A nova estação de Florença

REFERIU-SE O *Boletim da C. P.*, no seu n.º 62, de Agosto de 1934, às azedas discussões e polémicas apaixonadas a que deu lugar, há cerca de 3 anos, a escolha do projecto da nova estação de Florença (Itália). Foi o caso de, ante a necessidade de se construir nessa cidade uma estação de caminhos de ferro que substi-

tuisse a antiga — que pelas suas exíguas e acanhadas instalações, se tornava inadequável às necessidades ferroviárias de uma cidade como Florença — a Direcção dos Caminhos de Ferro Italianos fez elaborar um projecto de construção em puro estilo florentino, que teve o condão de escandalizar e irritar ao máximo os



A nova estação de Florença

defensores e simpatizantes do estilo moderno, que são muitos em Itália, a-pesar-do «clima» artístico que lá se respira.

A questão, ampliada e complicada pela intransigência e combatividade dos paladinos dos estilos rivais, do antigo, de um lado, e do moderno, do outro, tomou tais proporções que obrigou à intervenção do governo italiano.

Feito concurso, dessa vez aberto a todos os architectos, foi escolhido, de entre muitos projectos representativos de várias escolas e de diversas tendências, um, de pura feição modernista, que começou logo a ser executado, não obstante os indignados protestos da facção der-

de Santa Maria Novella, a vastidão da praça que separa o moderno do antigo, tudo provoca uma sensação maravilhosa de harmonia e de monumental grandeza.

A fachada da nova estação, que se compõe de um corpo principal e de duas extensas alas perpendiculares aos seus extremos, é de uma austeridade talvez propositada, que não deixa advinhar o encanto, a alegria e o bom gosto da decoração interna, em que mármore de várias cores — os célebres mármore italianos — foram pródigamente utilizados.

A entrada principal dá acesso a um grande peristilo quadrado, de 30 metros de lado, onde

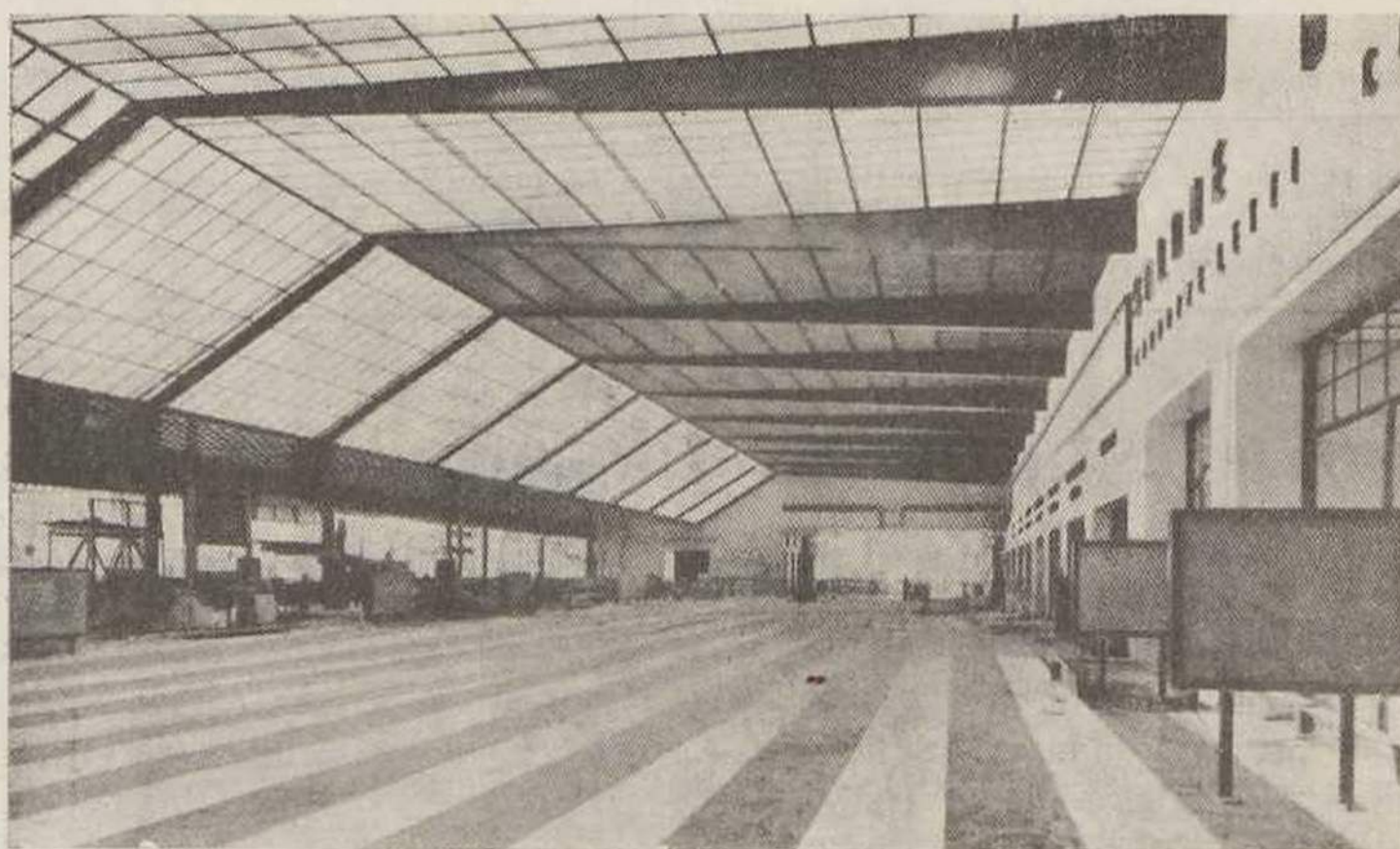
estão luxuosamente instaladas as bilheteiras, escritórios de alguns serviços da estação, agências de turismo, *Wagons-Lits*, etc. Este átrio comunica, por meio de grandes portas de vidro, com o restaurante, *bar*, salão de espera, de bagagens de mão e de expedição de bagagens.

Na ala direita do edifício estão situados os salões reais, que dispõem de entrada privativa e a sala das bagagens

chegadas. Na ala esquerda, serviços de correios e recovagens.

De um e outro lado, outros serviços da estação.

A distribuição interior do corpo principal é muito simples: sala das bilheteiras com larga comunicação, tanto pela «galeria dos horários» como por uma ampla passagem envidraçada, com o *bar* e o restaurante — que, para muitos passageiros são, de facto, as únicas salas de espera; acesso ao grande cáis do tampo da «gare» por tôdas estas dependências. A sala de espera de 1.^a classe é separada por uma «vitrine» da passagem que conduz ao bufete e aquela dêste por outra «vitrine» igual. Entre as paredes de cristal destas «vitrines» ha lindas flôres, atra-



Cáis do tampo

rotada, que não se resignava facilmente ao contraste de ver, numa grande praça florentina e em frente da jóia do estilo toscano que é a Igreja de Santa Maria Novella, destoante e pesadão, um grande e atarracado edifício de cimento armado, tão impróprio da bela Florença, como característico da 5.^a Avenida de Nova York.

Felizmente, porém, todas as divergências de opinião se transformaram em sentimento de geral e unânime admiração, quando, retirados os andaimes e tapumes, o novo edifício foi solenemente inaugurado pelo Rei de Itália. O seu equilíbrio de proporções, a côr da pedra empregada na construção e que é idêntica à



Átrio das bilheteiras

vés as quais os passageiros podem vêr o movimento de chegada e partida dos combóios, a sala do bufete, o exterior da estação e a ábside da Santa Maria Novella.

No sub-solo foi prevista a construção de um albergue diurno.

O acesso dos carros que transportem passageiros chegados ou saídos da estação faz-se por galerias cobertas, independentes, pavimentadas com placas estriadas de borracha endurecida, insonora e não-eskorregadia, o mesmo sucedendo, como é óbvio, na galeria privativa de acesso aos salões reais.

As plataformas para serviço de passageiros, contíguas às linhas, têm 6,5 metros de largura por 330 metros de comprimento (média); são ligadas, a meio da gare, por passagem subterrânea. Em determinadas linhas ha também plataformas especiais, mais estreitas, exclusivamente reservadas ao serviço das bagagens.

Todas as agulhas e sinais são manobrados de um posto central de 280 alavancas, sistema «Westinghouse», instalado em edifício próprio, à esquerda da «gare» e com excelente visibili-

dade sobre toda a zona protegida. Este posto está ligado aos escritórios da estação por telefone e tubos pneumáticos e comanda um grande quadro luminoso, visível de todos os pontos da «gare», que indica a chegada dos combóios.

Ha também edifícios especiais para o chefe da estação e para as instalações da central de aquecimento.

O novo edifício que, como atraz dissemos, tem risco sóbrio, pôsto que original, é enobrecido pela grande harmonia das suas proporções e pela riqueza e bom gosto dos materiais empregados na decoração interior.

Ricos pavimentos de mármore de Carrara nos perístilos, nas bilheteiras, nas salas de espera e no bufete; faixas de mármore branco e vermelho no cáis do tópo, como que a encaminhar os passageiros para a saída; revestimento de mármore verde dos Alpes nas paredes e colunas da grande sala das bilheteiras; pavimentos em mármore amarelo de Siena, mesmo nas dependências defesas ao Público, como no gabinete do chefe da estação. Mármore ainda,

amarelo palha, nas colunas das plataformas; enfim, mármore «flôr de pecegueiro» — nome que, só por si, já traduz beleza — nos diversos revestimentos do salão rial e seus anexos.

Os relógios e a iluminação foram cuidadosamente estudados.

Quanto aos primeiros, ha-os de vários formatos: de mostrador inteiro, os das plataformas; outros, os da galeria dos horários, em que o mostrador está reduzido a um pequeno sector; ou a um rectângulo, como no do peristilo das bilheteiras, em que apenas aparece o número das horas e minutos, ou ainda, como o da fachada principal, onde êsses números figuram num prisma luminoso triangular.

A iluminação artificial é, quasi sempre, indirecta. A luz de milhares de lâmpadas, (ha cerca de 10.000 em tódo o edificio), é recebida em reflectores parabólicos, resguardados por vidros despolidos. A luz obtida, já de si difusa, mas de grande luminosidade, é ainda refletida pelos tectos, alguns dos quais são revestidos de mosaico miúdo unicolor, obtendo-se assim uma iluminação suave mas intensa e de efeito surpreendente.

A vidraçaria que cobre a «gare» e muitas das salas é constituída por duas placas de vidro entre as quais ha uma camada de lã de vidro, em cujo seio se encontram disseminadas lâmpadas eléctricas. Êste sistema especial, além

de assegurar uma protecção eficaz contra os rigores do ardente sol florentino, dá extraordinária beleza à iluminação nocturna.

O próprio pôsto central «Westinghouse» — elevada construcção de 4 andares — e a central de aquecimento, sua vizinha, revestidos exteriormente de argamassa de côr vermelho vivo, semeada de palhetas de mica, são iluminados por luz indirecta, apresentando, de noite, aspecto feérico e deslumbrador.

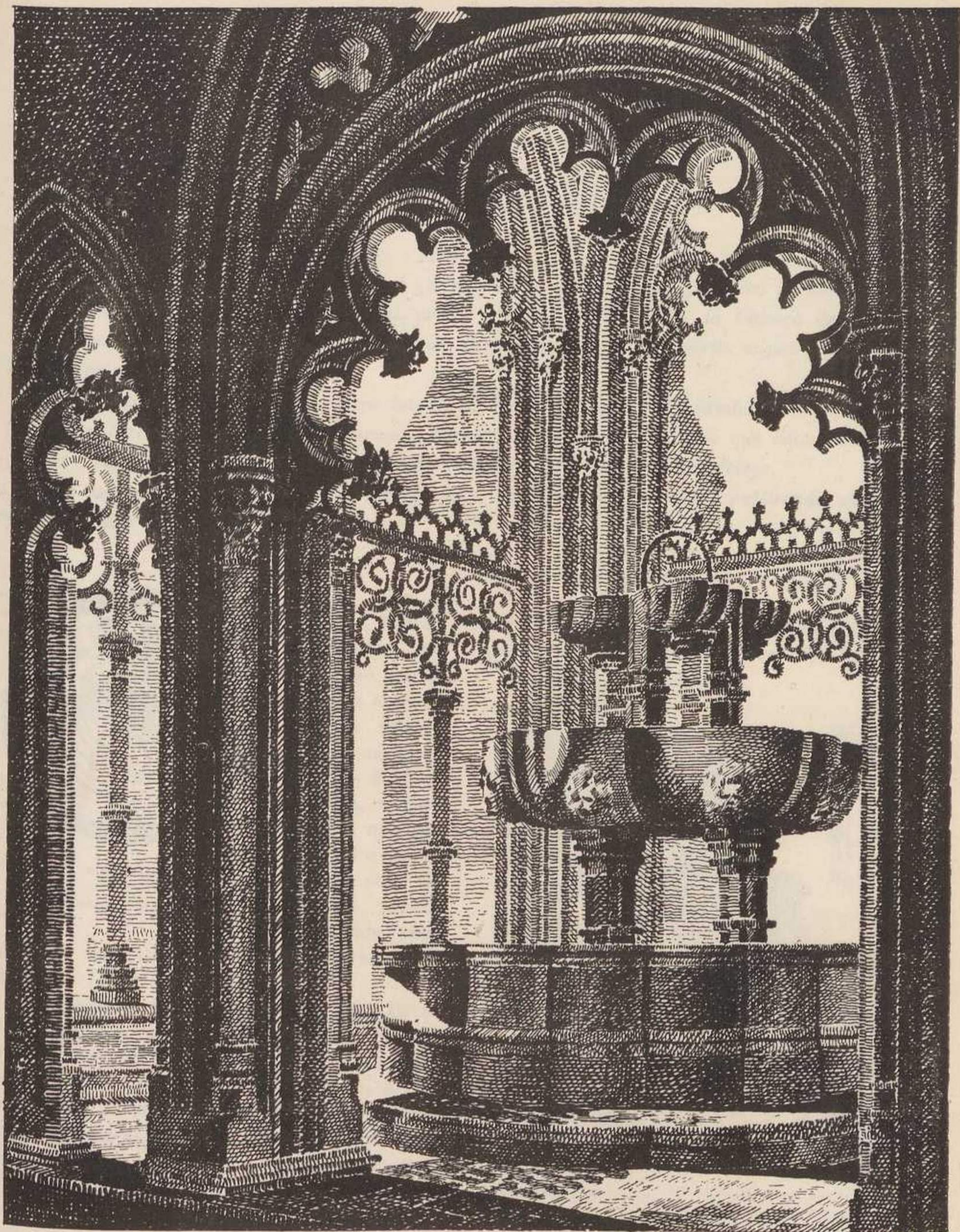
Tôdas as armações metálicas à vista, são decoradas com cobre patinado.

Nas paredes das várias salas, raras decorações picturais, mas mesmo assim, de acentuada feição modernista. Não ha anúncios nem qualquer espécie de publicidade: apenas algumas ampliações fotográficas das belezas de Itália. Na galeria que liga o átrio das bilheteiras ao câis de tópo, pequenas «vitrines» com mostruário de objectos à venda.

Todo êste edificio e seus anexos foram construídos no local onde existia a antiga estação. Durante a construcção, em que se gastaram perto de dois anos, o serviço ferroviário — cerca de 200 circulações em cada 24 horas — fez-se sem maiores transtornos ou complicações, o que tudo muito honra aqueles que conceberam o projecto e, metódicamente, o fizeram executar.



Depósito de volumes de mão



Arqto B. Coelho 1935

BATALHA — Fonte do Claustro Real

*Desenho do Architecto Bernardino Coelho, Chefe
de desenhadores na Divisão de Via e Obras.*

O culto das flôres no Japão

Guerra Mato, conhecido jornalista, é correspondente do importante periódico nortenho Comércio do Pôrto em Paris, e, nesta capital, exerce o cargo de Secretário da Câmara de Comércio Portuguesa. Mas Guerra Mato é, sobretudo, um incorrigível viajante. Espírito arguto e observador, sabe viajar e sabe, principalmente, vêr.

Ha poucos meses publicou o livro intitulado Paris-Tokio-Via Moçambique em que, numa linguagem corrente, simples, despretenciosa, descreve a encantadora viagem que antes fizera pela África e Extrêmo Oriente. É um livro de cerca de 240 páginas que se lê num fôlego.

A seguir transcrevemos, com a devida vénia, um dos seus Capítulos, publicando outro, no próximo número.



Cegonha estilizada (tecido). — Observe-se a habilidade com que o artista japonês tirou partido do corpo do pássaro

japonês, homem ou mulher, parece não passar dos dez anos. O espírito infantil que o acompanha até à idade madura, a candura, a candura nativa e ingênua da alma nipônica, fazem dêsse país, eter-

namente romântico, o mais belo que há sobre a terra.

As festas das flôres, que começam em Fevereiro com a floração dos abrunheiros e vão até à dos crisântemos, no outono, só nesse país poderiam ter lugar. E que festas essas! A das cerejeiras, entre tôdas elas toma proporções duma grande apoteose à Deusa Flora. Há avenidas, parques, estradas, montanhas, cobertos de cerejeiras em flor que para maior glória da festa têm as pétalas tão grandes, ora brancas, ora rosadas, que nos causam a impressão de que um enxame de borboletas pousou sobre os

ramos pendentes. E a festa toma tal amplitude que até as casas comerciais, os lares do Japão



Desenho dum jardim japonês. Este representa sempre uma miniatura dum sítio de celebrada beleza e «não é só um lugar de repouso mas também um asilo de meditação; é ao mesmo tempo gracioso, poético e religioso» (1)

(1) Henry Martin — *La grammaire des Styles* — L'art japonais.



O lago de Biwa — Quadro do pintor japonês Hiroshigué. Este artista viveu no século XIX. «Entr' as qualidades dos pintores japoneses deve salientar-se a virtuosidade do traço e também a habilidade extraordinária que lhes permitem obter efeitos com uma simples pincelada». «Nenhum povo possuiu em tão elevado grau o dom de traduzir o seu pensamento e exprimir a sua emoção com alguns traços essenciais numa imagem sintética, onde o artista não diz senão por meias palavras tudo quanto sentiu perante a Natureza» (1)

(1) Henry Martin, op. cit.

inteiro são ornamentados com essa delicada e vistosa flôr, de cujo fruto, porém, ninguém depois faz caso, havendo muitos que põem ao canto duma sala um tronco de árvore, com os ramos enfeitados de flores de papel, dando a ideia dum autêntico caramanchão.

Em Kioto assisti, no teatro, à festa das cerejeiras, na qual grande número de *geishas* dançaram e cantaram os seus números tradicionais. Antes do espectáculo, fomos conduzidos a uma sala onde as *geishas* serviam o chá de cerimónia. As artistas vinham às nossas mesas, num ritmo cadenciado, oferecer-nos uma chávena de chá, doces variados e o programa. Pareciam aves multicores, saltitando à volta de nós. Depois era o espectáculo, grande e aparatoso, mas tão ingénuo, que impressionava pela sua extrema simplicidade.

Devo aqui dizer que as *geishas*, ao contrário do que na Europa se supõe, são simples actrizes, filhas de famílias pobres, que, desde pequenas, são internadas num colégio, onde lhes é ministrada educação de maneiras, e da arte de agradar. Tocam vários instrumentos de cordas, dançam, recitam e contam histórias cheias de ingenuidade e de candura. O seu trabalho é

tanto no teatro como na sociedade e nos cafés, para onde são contratadas, a fim de entreterem e deleitarem o público. Num jantar de festa, ou de cerimónia, é costume chamar duas ou três *geishas* para divertirem os comensais, tal como na nossa civilização se manda vir um grupo musical.

O destino dessas borboletas humanas é, por vezes, um verdadeiro calvário. Apesar de serem por temperamento honestas, deixam-se atrair, não por amor, sentimento que a mulher japonesa desconhece, mas pela fascinação do luxo e das jóias que as levam ao degradingamento e a uma velhice precoce. Fora disso, são, como todas as mulheres japonesas, excelentes filhas, modelos de esposas, mãis exemplares.

E' preciso, porém, não confundir a *geisha* com as pensionistas do Yoshiawara, cujos mistérios são diferentes. A estas últimas, os empresários vão buscá-las, por contrato, a casa dos pais.

Tudo no Japão se leva a rir e jámais há maldade nos gestos e nas palavras; daí, certa-



Estátua do deus da Guerra Shikokondo — Shint (Século VIII) «cujo rosto exprime uma espécie de frenesim gritante e selvagem, duma inteasidade de vida raramente igualada» (1)

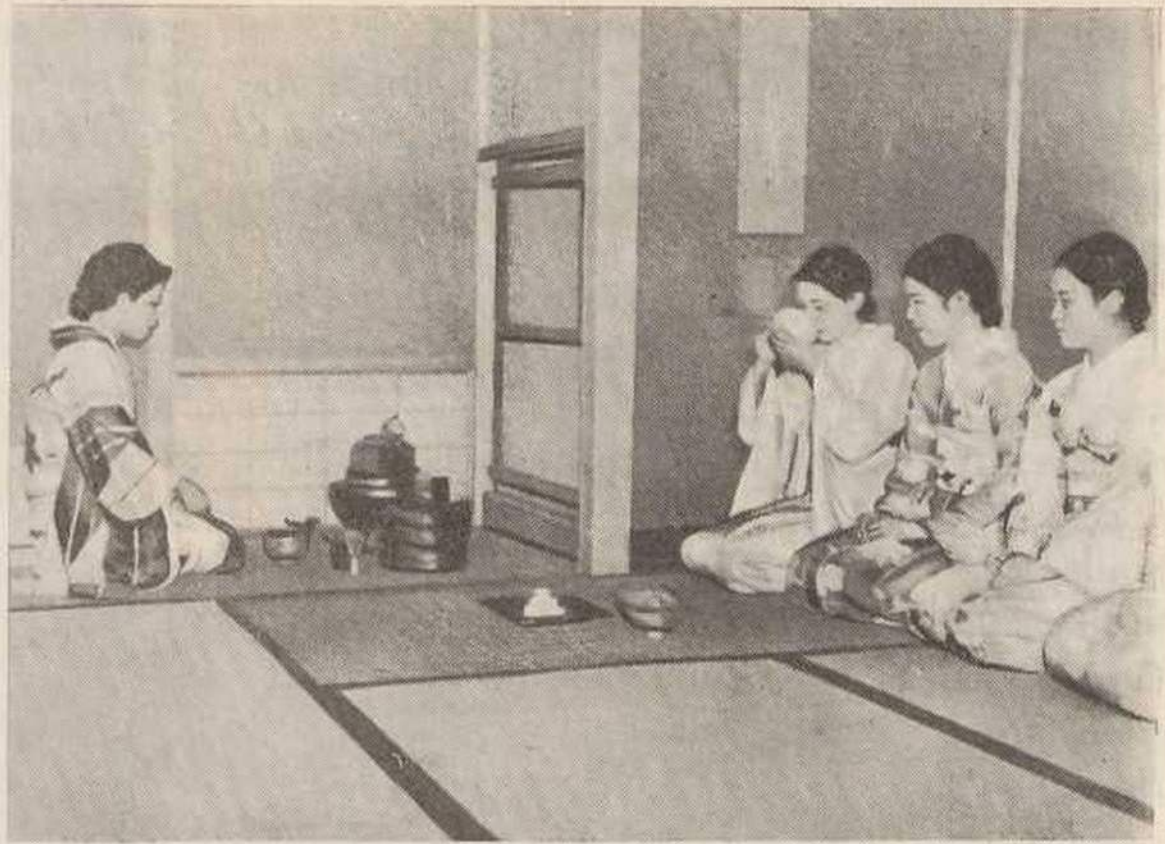
(1) Henry Martin, op. cit.

mente, o secular desconhecimento de pudor que todos têm.

Em Atami, pequena e graciosa estância termal, a 100 quilómetros de Tokio, cujo casario parece ter servido de modelo para o cenário de *Madame Butterfly*, assisti a este espectáculo desconcertante, para nós, europeus. Numa vasta piscina tomavam banho, homens e mulheres, e nenhum d'elles se ruborizou com a nossa chegada. Todos continuaram a nadar e, de quando em quando, homens e mulheres vinham sentar-se à beira da piscina a ensaboar-se, indiferentes à nossa presença e aos nossos olhares.

Depois, veio um jovem casal com um filhito pela mão; o marido despiu-se, meteu-se na água e a mulher despiu o pequenito e fez depois o mesmo, tão naturalmente como se todos nós fôssemos crianças duma creche.

Nessa mesma tarde, depois de jantarmos em casa do nosso ministro, o sr. Justino de Mon-



Raparigas japonesas tomando chá, segundo o complicado cerimonial cujos ritos se mantêm religiosamente há quasi mil anos. «... O chá, que se oferece logo ao visitante com a primeira saudação, traduzindo o sentimento de hospitalidade, o prazer do encontro, a comunhão fraternal; o chá é o companheiro inseparável do operário, do artista nos seus labores, da *muzumé* nos seus caprichos, dum qualquer grupo íntimo nas suas palestras» (1)

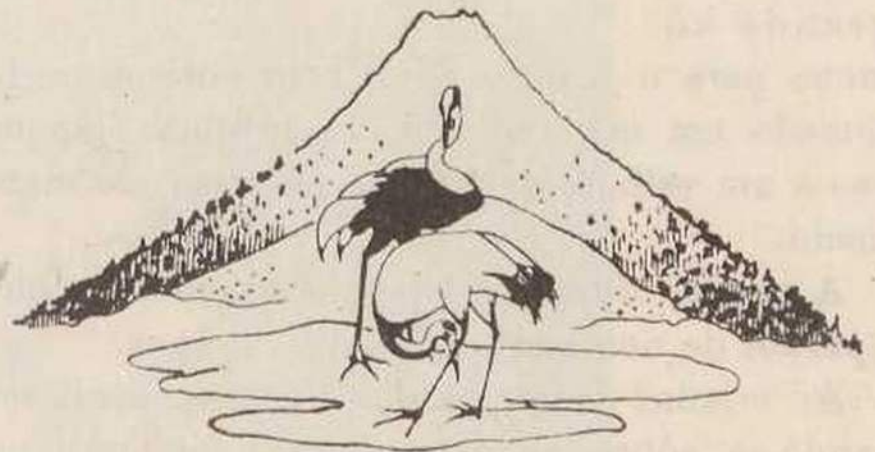
(1) Wenceslau de Moraes op. cit.

talvão, que ali fazia uma cura de repouso, resolvemos dormir em Atami, atraídos pela doçura do clima e dos cafés-concertos, que anunciavam excelentes programas. Ao entrarmos no hotel, uma casa retintamente japonesa, fomos recebidos à porta por um rancho de criadas, que



Preparando o chá «com o arsenal de bugigangas indispensável para o seu fabrico, — a boceta de estanho, o brazeiro portátil, a chaleira de ferro fundido, o bule microcópico, as cinco chavenas de porcelana e os cinco pires de burilado metal» (1)

(1) Wenceslau de Moraes — *Dai Nippon*.



Uma das vistas do vulcão Fujiyama

Desenho de J. Nogueira, sob inspiração de Hokusai.

com os seus kimonos vistosos nos ajudaram a descalçar e nos meteram nos pés sandálias de feltro para atravessarmos os corredores, acompanhando-nos, depois, ao quarto, se quarto se pode chamar a uma vasta sala com esteiras, sem o menor vestígio de móveis.

São assim os hotéis japoneses.

Duas criadas acercam-se de nós, e depois de nos fazerem as camas no chão, ajudam-nos a despir e a deitar, como se fôssemos jovens colegas.

No dia seguinte, bem cedo por sinal, começaram elas a entrar no nosso quarto, uma a uma, prostrando-se, à porta, em grandes reverências, que lhes punham as cabeças nos joelhos e gritando

brandamente: *O hayo!*
O h a y o!
(*Bons dias!*
Bons dias!).

Tudo porém numa alegria infantil que nos dispôs bem, apesar de nos terem acordado tão cedo.

Tiraram-nos a roupa da cama e vestiram-nos um grande ki-

mono para o banho. Êste, bem entendido, foi tomado em comum com duas lindas japonesas e um velhote de barbas sinistras, de meter medo.

A partida dum hotel japonês reveste-se dum aparato de noivado, ou de dia de anos.

As criadas vieram tôdas à porta, e aí, sentando-se sobre os calcanhares, saudaram-nos em profundas e repetidas vénias, até que o gerente veio solenemente apresentar-nos os seus cumprimentos e oferecer-nos uma recordação, que é em regra uma toalha, para quando nos lavarmos nos lembrarmos do hotel, ou uma pequena chávena para bebermos o nosso *saké* à saúde dêle. Apertada a mão do gerente, deferência da nossa

parte que muito o honrou, todo aquele bando de borboletas multicores se acercou do automóvel a desejar-nos boa viagem e a pedir-nos para voltarmos.

O japonês é curioso por excelência e nada o detém quando quer saber alguma coisa. Só a curiosidade lhe faz esquecer os deveres da sua tradicional cortezia.

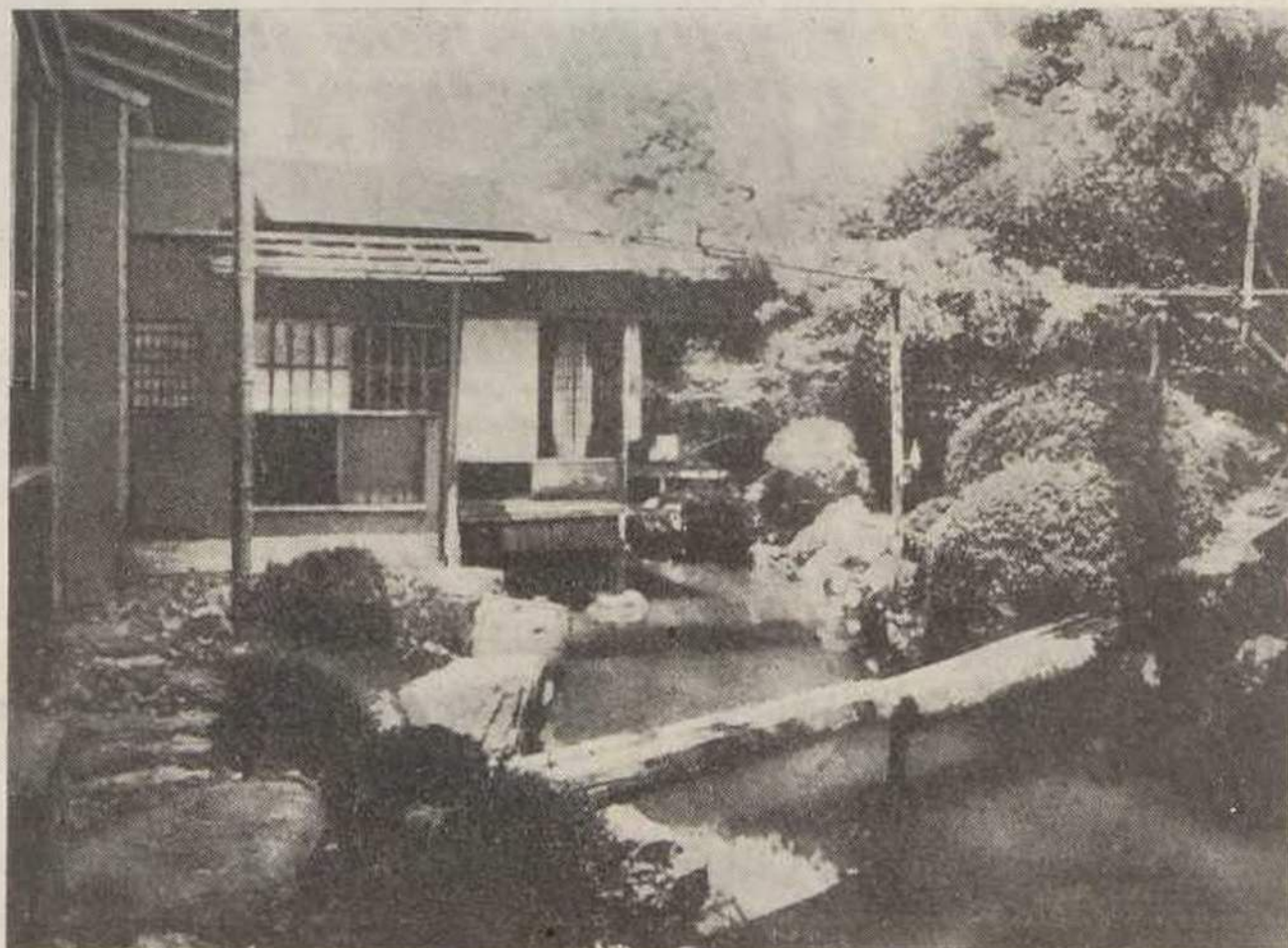
Numa estação do correio, o empregado da

posta restante, a quem dermos um bilhete de visita para ver se temos correspondência, já-mais no-lo restituirá sem ler bem o nome e os títulos que estão por baixo, embora veja que temos pressa.

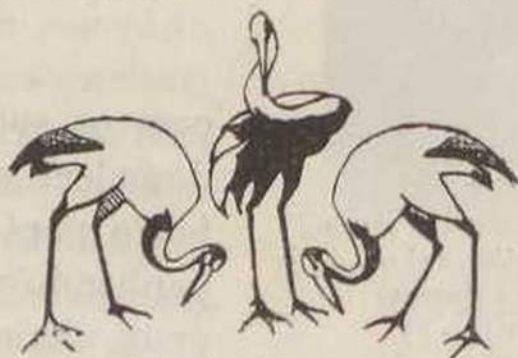
Um dia, chegámos a uma estação

de entroncamento muito [atrazados e o comboio para que devíamos mudar fumegava no noutro cáis, impaciente. Descemos a correr e reclamámos do chefe um moço para nos levar as bagagens, mas o digno funcionário só se importou com as etiquetas dos hotéis que estavam coladas nas nossas malas. Depois de dar o sinal de partida ao comboio, deitou ainda um olhar para a etiqueta do Hotel Polana, de Lourenço Marques, um nome que êle certamente desconhecia.

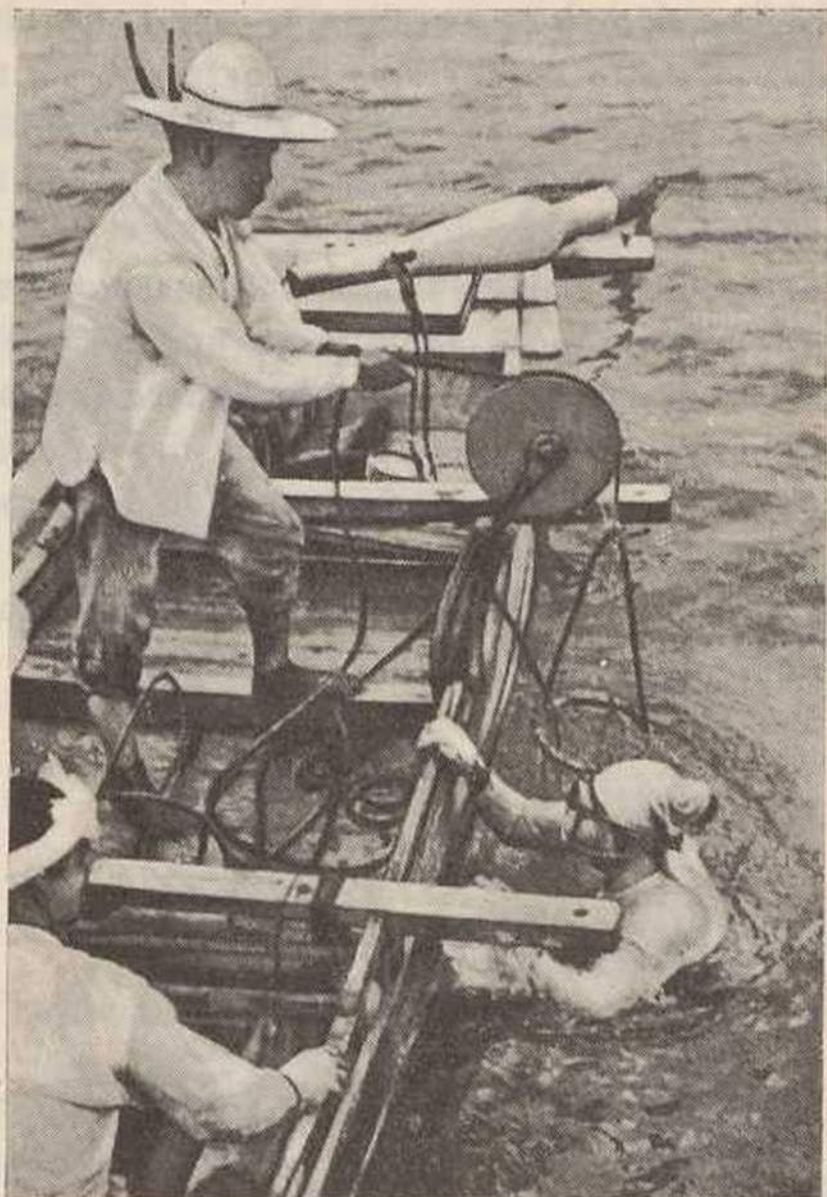
A' partida, o digno chefe perfilou-se e por várias vezes nos saudou em vénias profundas, de quebrar os rins, cortezia a que um seu subordinado se associou, por disciplina ou pelo de-



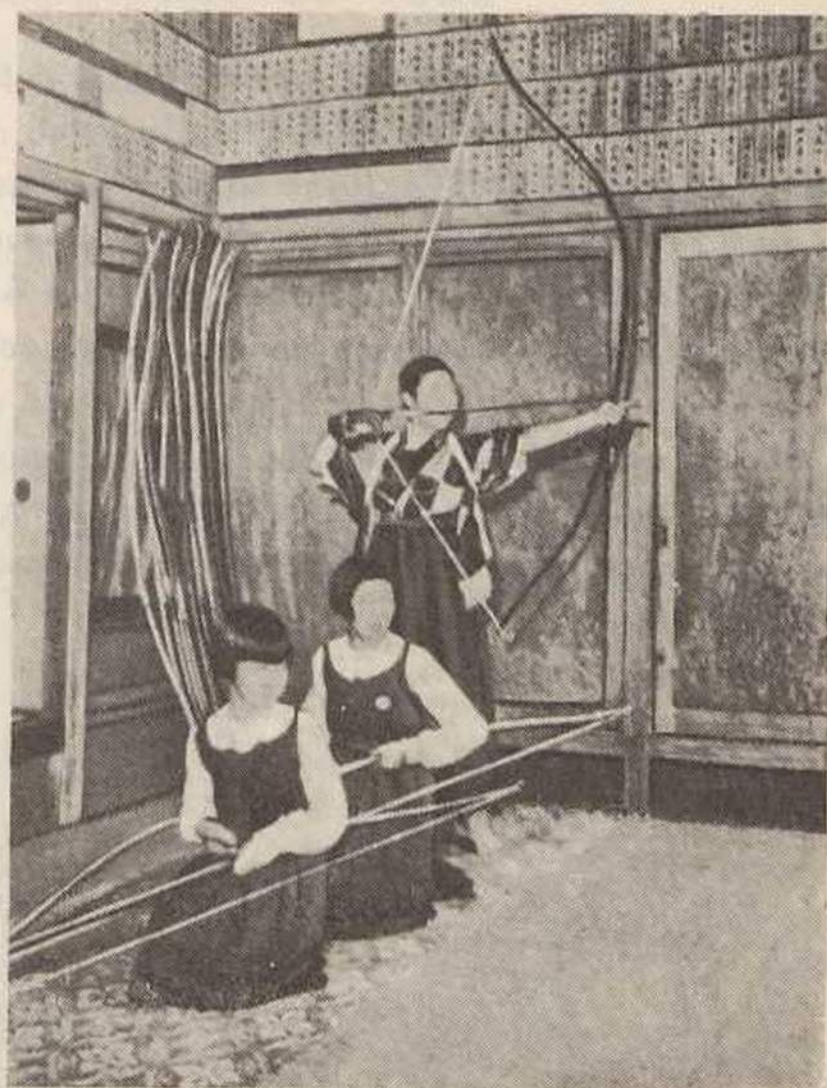
Típica casa de chá



Desenho de J. Nogueira, sob inspiração de Hokusai.



A pesca de pérolas nos mares japoneses. Uma pescadora recolhendo ao seu barco após uma imersão. Ao lado, o barqueiro iça a rede onde a pescadora deitou as ostras perlíferas que recolheu no fundo do mar



De ha muito que o arco e as flechas perderam todo o seu valor guerreiro. Os japoneses, porém, fortemente apegados a uma arma tão tradicional no seu país, continuam a cultivá-la como desporto. Eis umas raparigas treinando num «club» feminino de archeiros



Arredores de Tóquio

sejo de nos apresentar também os seus cumprimentos.

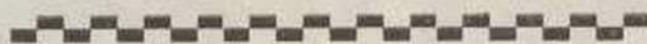
Um dia num hotel de Kioto eu tinha colocado, numa pequena prateleira, um retrato de uma das minhas filhinhas. Pouco depois a criada que nos fazia o jantar — nos hotéis japoneses não há casa de jantar, visto as refeições e o chá serem feitos e servidos no próprio quarto — pôs-se a observar a fotografia; e, quando eu lhe disse quem era, deixou queimar o refugado e tãda a gente do hotel irrompeu pelo aposento a admirar a pequena europeia, dizendo ser *quãsi* tãdo linda como a princesa imperial.

Até a patroa, uma velhinha jovial, de alto penteado, veio a correr e prostrando-se na minha frente fez-me os seus cumprimentos, elogiando desvanecidamente os olhos da minha pequena herdeira.

Em consequência de tãdo expontãneas homenagens tive de oferecer *saké* (aguardente de arroz) a tãda a gente, e fi-lo pela minha chávena, a máxima honra que se pode conferir a um japonês.

No dia seguinte, colocaram ao lado do retrato de minha filha uma montanha de flores.

Ditoso povo, que ama as flores e que tanta adoração tem pelas crianças!



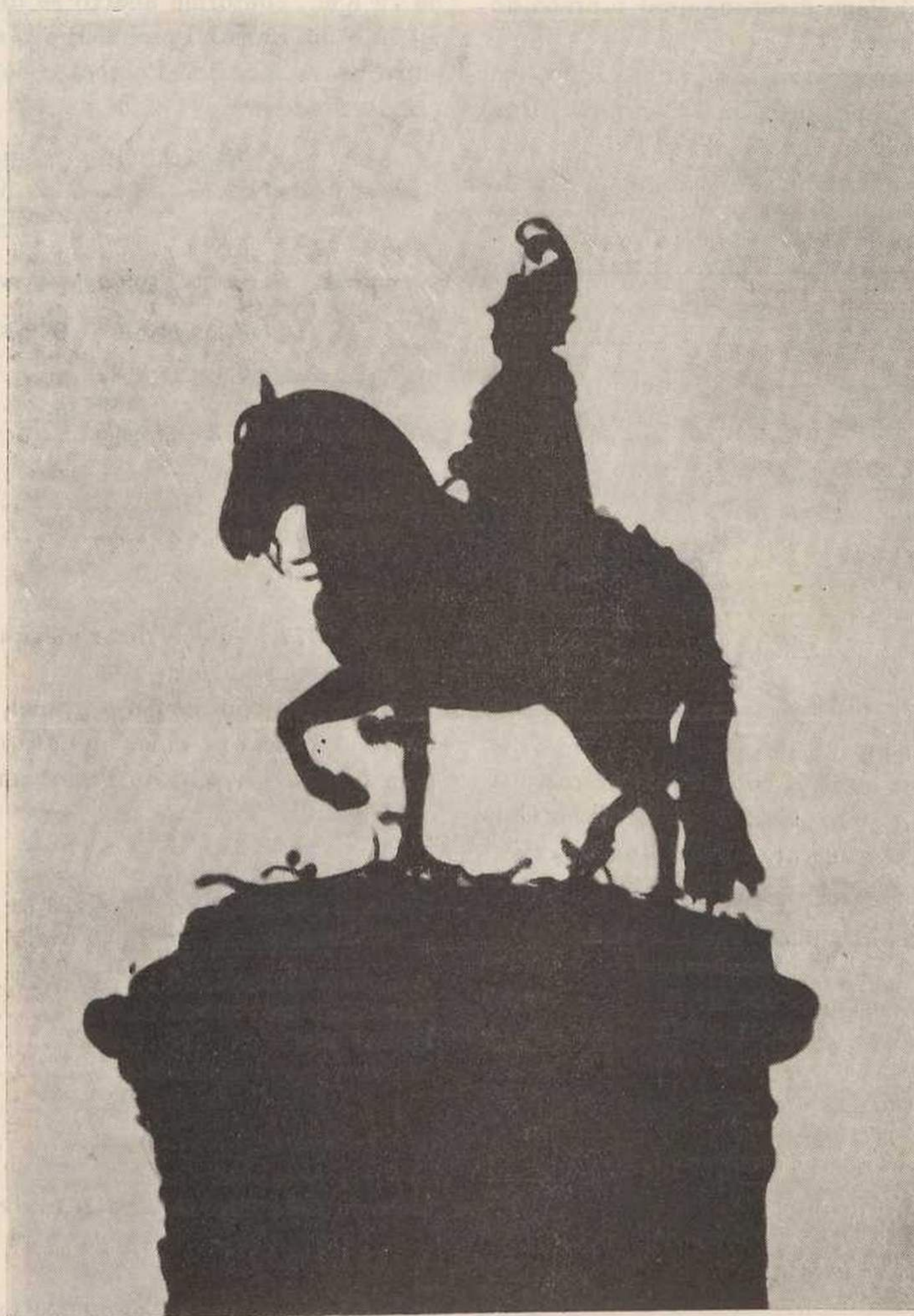
Interior do pátio do Museu Machaõ de Castro

Fotog. de Álvaro Paz, Enfermeiro do Posto de Alfarelos.

Concurso de desenhos e fotografias de 1936

Para não demorar a impressão do presente número do Boletim, não inserimos ainda os nomes dos concorrentes classificados no concurso do ano passado. Quando, porém, este Boletim estiver a distribuir, já os interessados conhecerão certamente o resultado da classificação.

O júri é composto pelos Snrs. Eng.º Henrique Pinto Bravo Júnior, Chefe de Divisão, adjunto à Direcção Geral, Eng.º Azevedo Nazareth, sub-chefe de Serviço, da Divisão de Exploração, e o pintor Snr. Albino Armando Costa, empregado da Direcção Geral.



Estátua de D. José I

Fotog. de Abel Leite Pinto, Empregado de 2.ª classe da Divisão de Via e Obras.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

I — Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 674. — Peço dizer-me qual o preço do seguinte transporte:

Três automóveis carregados num vagão, em p. v., de Vila Franca de Xira a Coimbra, carga e descarga pela Companhia.

R. — Segue discriminação da taxa:

Distância: 190 Km. — Tarifa Geral, base 28.^a
(9.º Aditamento-Circular 830 do S. F. E.)

$$\text{Base com recargo: } 29,93 \times \frac{25 \times 29,93}{100} = 37,41,25$$

Transporte $37,41,25 \times 11$	411,54
Evoluções e manobras $80 \times 11 \times 3$..	26,40
Carga $80 \times 11 \times 2 \times 3$..	52,80
Descarga $80 \times 11 \times 2 \times 3$..	52,80
Registo e aviso de chegada	1,10
	544,64
Adicional de 10 %	54,47
Arredondamento	504
Total	599,15

P. n.º 675. — Peço dizer-me qual a taxa do seguinte transporte:

Um vagão da série K com 180 carneiros, utilizando 2 pisos, em p. v., de Estarreja a Cais do Rêgo, carga e descarga pelos donos.

R. — Segue discriminação da taxa:

Distância: 297 Km. — Tabela 4 e 2 A
(2 pisos e 20 excedentes)

Transporte	2 pisos $27,500 \times 2 \times 11$	594,500
	excedentes $541 \times 11 \times 20$	90,20
		684,70
	Evoluções e manobras $1,20 \times 11 \times 2$	26,40
	Complemento de imposto (5,05 %)	34,56
	Registo, aviso de chegada e assistência	1,25
		746,91
	Adicional de 10 %	74,69
	Arredondamento	504
		821,60

P. n.º 676. — Peço dizer-me qual a taxa do seguinte transporte:

Um vagão com 3.980 quilos de cortiça em

bruto, a granel, em p. v., de Pombal-Diniz a Souzelas, carga e descarga pelos donos.

R. — Segue discriminação da taxa:

A distância a tomar no caso presente é de 72 Km., conforme abaixo se discrimina, em virtude do Ramal Pombal-Diniz estar situado entre as estações de Pombal e Soure, ligado à via descendente:

Soure a Pombal	16 Km.
Pombal a Souzelas	56 Km.
	72 Km.

(Ver Circular n.º 840 da Exploração-Serviço do Tráfego)

Distância: 72 Km. — Tabela 37

Transporte $2,69 \times 11 \times 4$	118,36
Evoluções e manobras $40 \times 11 \times 4$..	17,60
Registo e aviso de chegada	1,10
	137,06
Adicional de 10 %	13,71
Arredondamento	503
	150,80

P. n.º 677. — Peço dizer-me qual a taxa do seguinte transporte:

Um vagão com melão a granel, 4.600 quilos, carga e descarga pelos donos, de Azambuja para Lisboa-Terreiro do Trigo, em grande velocidade.

R.

Distância: 47 Km. Tarifa Especial n.º 10 — Tabela B.
(mínimo 5 T.)

Transporte $2,65 \times 6 \times 5$	79,50
Manutenção $40 \times 6 \times 5$	12,50
Imposto do selo	4,50
Registo, aviso e assistência	1,25
	96,75
Arredondamento	503
	96,80
Linha do T. do Trigo (A. n.º 442) $1,500 \times 5$...	5,00
	101,80

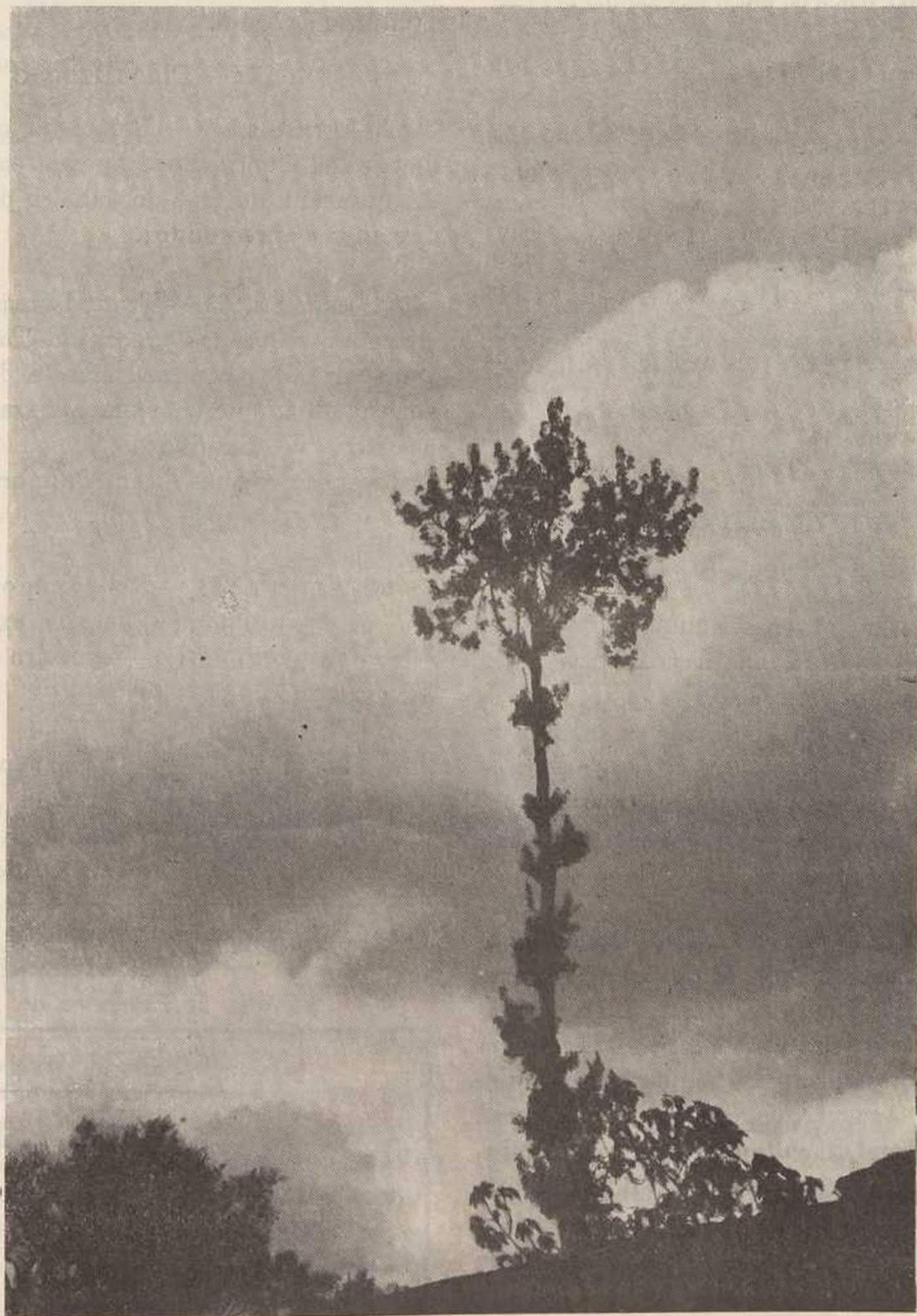
Nota-se ao consulente que, embora na 9.ª Condição do número I do Aviso ao Público A. n.º 442 se diga que os transportes são efectuados em p. v. entre as estações e os pontos

dependentes, o mínimo de peso a ter em vista, no caso presente, para aplicação de taxa referente à linha do Terreiro do Trigo é o da g. v. (5 T.).

P. n.º 678. — Segundo o 7.º aditamento à Tarifa Geral são vendidos meios bilhetes às crianças com idade de 4 até 10 anos.

Peço dizer-me se essa contagem se refere até ao próprio dia em que fazem os 10 anos ou até à vespera dos 11.

R. — Conforme disposto no 7.º Aditamento à Tarifa Geral, as crianças só têm direito a viajar com a redução de 50% até ao dia em que fizerem 10 anos; depois das 24 horas desse dia já têm de pagar bilhete inteiro.



Árvore solitária

Fotog. de Octávio Homem, Empregado de 1.ª classe da Divisão de Via e Obras.

P. n.º 679. — Peço que me seja indicado o processo de taxa do seguinte transporte:

Uma caixa de veículo, com o peso de 890 quilos, em g. v., de Cuba a Lisboa-Jardim.

R. — Segue discriminação da taxa:

Distância: 138 Km. — Tarifa Geral, base 5.ª com o recargo de 50 % (Art.º 52.º, alínea b).

Tarifa Fluvial, duplo do preço do Capítulo III

$$\text{Base com o recargo: } 24,524 + \frac{24,524 \times 50}{100} = 36,786$$

Transporte $36,786 \times 11 \times 0,89$	355,97
Manutenção $1,500 \times 11 \times 0,89$	14,79
Uso de cais $520 \times 11 \times 0,89$	5,06
Descarga em Lisboa-Jardim $30 \times 11 \times 0,89$..	2,94
Registo e aviso de chegada	1,10
Adicional de 10 %	3,71
	408,57
Via Fluvial $(2,335 + 2,335) \times 11 \times 0,89$	46,02
Adicional de 10 %	4,61
Arredondamento	503
Total	459,60

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Comunicação-circular n.º 47 — Equipara os tratamentos tarifários aplicáveis à «celulose (pasta de madeira)», «Massa de madeira», «Massa de papel» e «pasta de madeira» ao tratamento de que desfruta a «Pasta de papel», por se tratar de mercadorias de valor aproximadamente igual e que, por se exportarem, merecem protecção especial.

23.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V. em vigor na Antiga Rede e 12.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial n.º 1 de P. V. em vigor nas linhas do Sul e Sueste e do Minho e Douro. — Criou um escalão, com o bónus de 2,5 %, para um mínimo de 1.000 T. de carvão vegetal cisco, pó e terra de carvão vegetal, facultando assim aos produtores e aos pequenos negociantes poderem utilizar o benefício que até à publicação deste aditamento só era concedido quando os transportes atingissem 2.000 Toneladas.

Aditamento n.º 37.º à Classificação Geral de Mercadorias, Animais e Veículos. — Para beneficiar os transportes

de gesso em pedra substituiu-se por este aditamento a zona I pela zona J, para efeitos de aplicação da tabela 22.

Aviso ao Público A. 520. — Refere-se à concessão especial para transporte de farinhas e de trigo da região de Salamanca para a Galiza, em trânsito pelas linhas do Minho e Douro, estabelecendo uma escala de coeficientes consoante o câmbio da peseta.

II — Fiscalização

Carta-Impressa n.º 71 — Relaciona os passes, bilhetes de identidade e anexos extraviados na 2.ª quinzena do mês de Janeiro de 1937 e que devem ser apreendidos.

Carta-Impressa n.º 72. — Trata da redução de 50 % concedida sobre os preços da Tarifa Geral ao transporte dos congressistas, e de pessoas de suas famílias que os acompanharam, que foram assistir a V Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa, realizada em Coimbra nos dias 20 e 21 de Fevereiro de 1937.

Carta-Impressa n.º 73. — Relaciona o passe, bilhetes de identidade e anexos extraviados na 1.ª quinzena do mês de Fevereiro de 1937 e que devem ser apreendidos.

Carta-Impressa n.º 74. — Providencia sobre a apreensão dos bilhetes brancos de 3.ª classe da Tarifa Especial n.º 21 de G. V. n.ºs 2450 a 2499, extraviados na estação de Tâmel.

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial no mês de Fevereiro de 1937

	Antiga Rede		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 8...	4.595	4.721	1.683	1.605	2.487	2.057
» » 9 a 15...	3.862	3.889	1.685	1.508	2.282	1.728
» » 16 a 22...	4.924	4.903	2.079	1.817	2.650	2.137
» » 23 a 28...	3.859	4.074	1.824	1.611	2.105	1.781
Total	17.240	17.587	7.341	6.541	9.524	7.703
Total do mês anterior	18.107	17.654	6.961	7.014	10.751	9.712
Diferenças	- 867	- 67	+ 380	- 473	- 1.227	- 2.009

Factos e informações

Bombeiros Voluntários dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

Esteve esta Associação em festa no dia 3 de Janeiro passado, por motivo da inauguração de uma Auto-maca e de um Pronto-socorro-tanque, bem como de um balneário, W. C., Sala do Bombeiro com uma pequena biblioteca, 30 capacetes de combate e 40 compartimentos destinados ao equipamento dos bombeiros.

A esta festa assistiram os representantes das corporações de bombeiros de Sacavém, Caciilhas, Beja, Almada, Algés, Sintra, Odivelas, Agualva-Cacém, Setúbal, Moita, Montijo, Corpo de Salvação Pública do Barreiro e Corpo de Bombeiros da C. U. F.

Igualmente se fizeram representar: o Comandante de Sapadores Bombeiros de Lisboa, pelo Chefe, Snr. Pais; os Bombeiros de Campo de Ourique, pelo seu Comandante, Snr. Mário Costa, e outros graduados; de Sobral de Monte Agraço, pelo 1.º Comandante, Snr. João Simões Lopes; de Paço de Arcos, pelo Snr. Rocha; de Carcavelos, pelo seu 1.º Comandante; de Loures, pelo Inspector daquêle Concelho, Snr. Soromenho; a Liga dos Bombeiros Voluntários Portugueses, pelos Snrs. Alvaro Valente (que

também representava o Comando de Barcelos), Guilherme Soromenho, João Simões Lopes e Artur Morgado, representando este último também os Bombeiros de Bucelas.

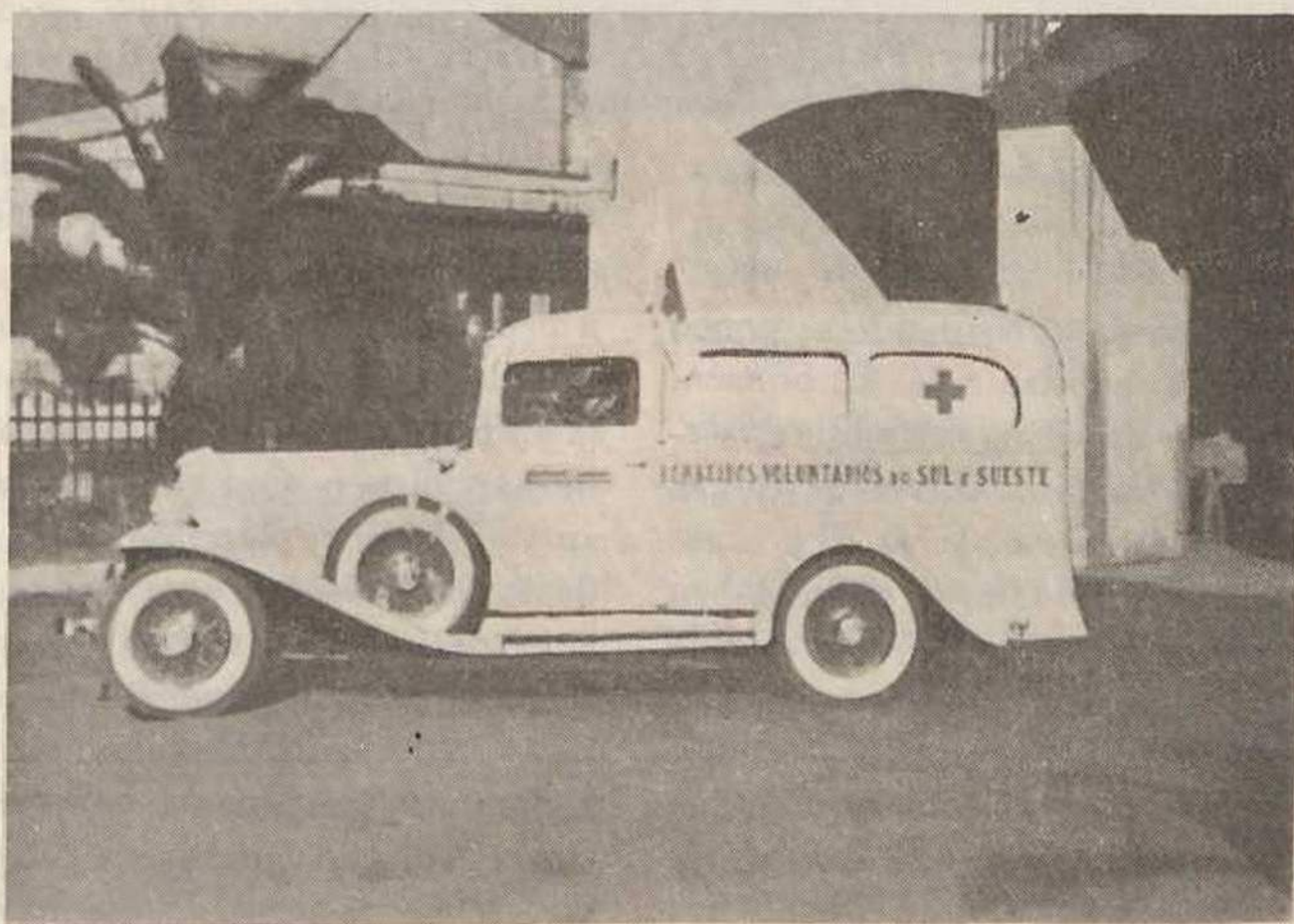
A's 13,20 horas, fôram recebidas no Quartel as entidades oficiais convidadas — Câmara Municipal do Barreiro, Administrador do Concelho, Juntas de Freguesia do Barreiro, Lavradio e Palhais — e colectividades locais.

Pouco depois foi feita a entrega da nova bandeira ao 1.º Comandante, Snr. Eng.º Mendia, por uma Comissão constituída pelas Snr.ªs D. Benedita Correia, D. Adelina Alves, D. Maria Alves, D. Albertina Cunha,

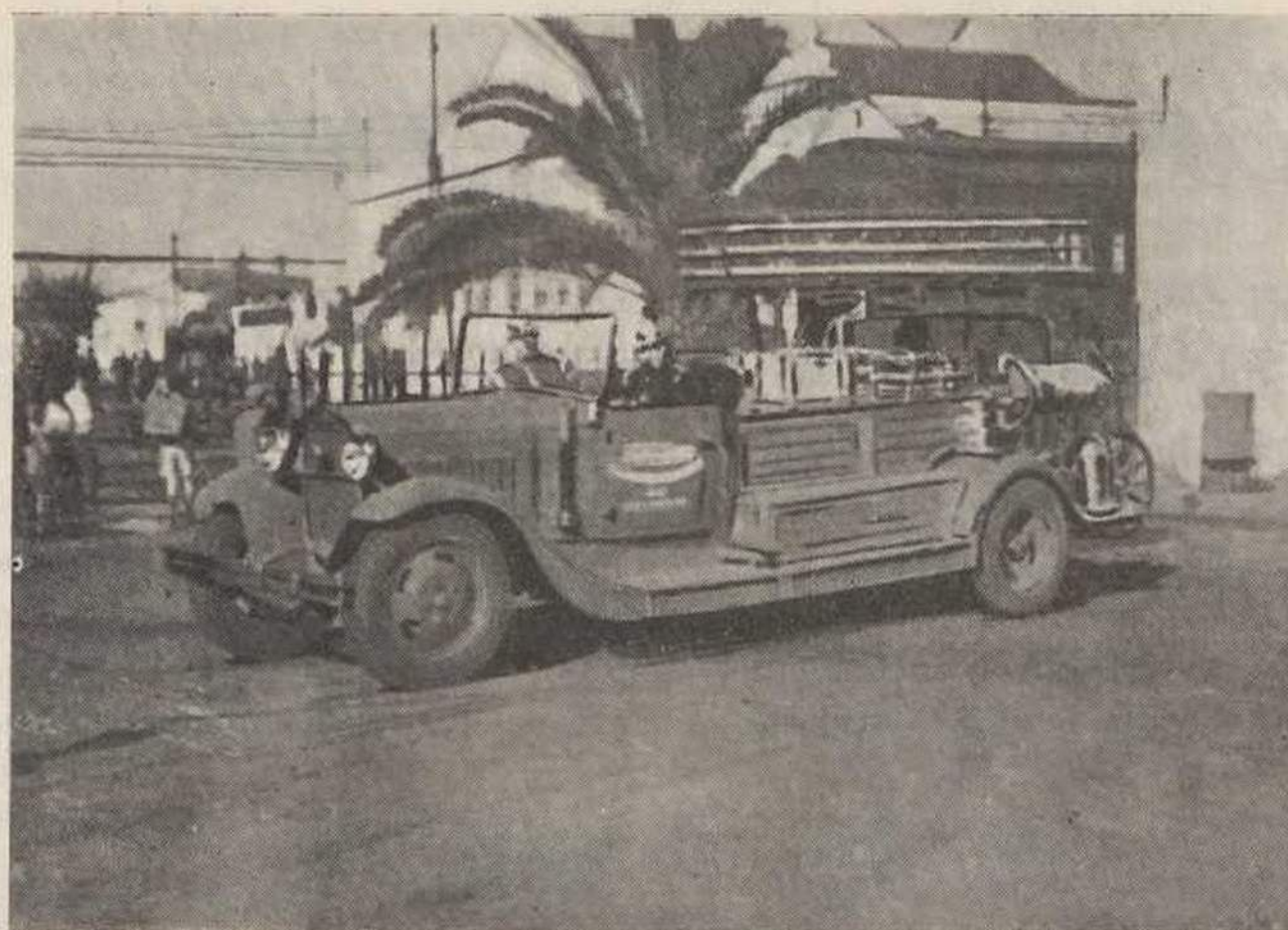
D. Luísa Pereira, D. Francisca Pereira e D. Ana Nunes e os Snrs. António Correia e José Constantino, bombeiros desta Corporação.

Em seguida o 1.º Comandante fez entrega da referida bandeira ao representante do Batalhão de Sapadores de Bombeiros de Lisboa, o qual por sua vez a hasteou, tendo sido nêsse momento prestada a continência por tôdas as Corporações presentes, que se encontravam formadas em parada, ouvindo-se no meio de grandes aplausos a marcha de continência tocada pelos clarins de tôdas as Corporações.

A's 14,30 horas deram entrada na parada do



Auto-maca «Eng.º Mendia»



Pronto-socorro-tanque «Ferroviário»

Quartel as novas viaturas, procedendo-se pouco depois à cerimónia do baptismo da Auto-maca, que recebeu o nome de «Eng.º Mendia», servindo de madrinha a menina Olívia de Sousa Oliveira, pupila do Orfanato da C. P., e em seguida do Pronto-socorro-tanque que recebeu o nome de «Ferroviário» tendo servido de padrinho o menino António José Nunes, internado do Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste.

A's 15 horas teve início a sessão solene que se realizou no Ginásio do Grupo Desportivo das Oficinas Gerais do Barreiro e que foi presidida pelo Snr. Presidente da Câmara, secretariado pelos Snrs. Administrador do Concelho, Chefe Pais, Artur Morgado e Eng.º Adriano da Silva Baptista.

Nesta sessão usou da palavra o Snr. Celestino Garcia Lopes, 2.º Comandante, que historiou a origem da Corporação, referindo-se aos serviços por ela prestados e às duas viaturas que tinham sido inauguradas, afirmando que a sua aquisição se devia à intervenção directa do 1.º Comandante, Snr. Eng.º Mendia, destacando o esforço prestado na construção do Pronto-socorro tanque pelo Chefe de Secção e pelos bombeiros n.ºs 8, 12, 27, e 29, assim como o auxílio dos operários das Oficinas, Hen-

rique José Soares, Manuel de Almeida, Raúl Lobato, Abílio Guerra, João Nogueira, José Sobral e Joaquim Mira e, na direcção dos trabalhos, o contra-mestre das referidas Oficinas e tesoureiro da Associação, Snr. António Gomes, o qual demonstrou com grande acêrto e interesse na execução da obra, a sua dedicação e competência profissional.

Igualmente se referiu o orador à participação do Snr. Alfredo Pedroso, desenhador dos Serviços Técnicos da Tracção, que com a maior bôa vontade prestou o seu concurso,

no projecto do Pronto-socorro-tanque.

A seguir falou o snr. José Constantino, membro da Comissão Organizadora da compra da bandeira, o qual enalteceu as qualidades do snr. Celestino Garcia Lopes, 2.º Comandante desta Associação, e se referiu aos seus trinta anos de serviço e à sua incessante dedicação, rendendo-lhe homenagem de admiração e respeito, pelo seu nobre exemplo de humanidade. Salientou também o constante esforço dos Snrs. António Gomes e Abílio Guerra e, finalmente, anunciou o descerramento das fotografias dos três homenageados. Por entre grandes manifestações, êste acto foi muito aplaudido.

Em nome da Liga dos Bombeiros e dos Voluntários de Montijo e Bucelas, o snr. Alvaro Valente, congratulou-se com os progressos da corporação do S. S. e salientou o facto de pela primeira vez, em festas de Voluntários, se encontrar representado o Batalhão de Sapadores Bombeiros, o que o levava a afirmar que os municipais compreenderam que os voluntários apenas desejavam manter com êles a mais estreita camaradagem e amizade. Saúdou o Comandante da corporação em festa e fez o elogio do bombeiro, mostrando como as corporações de voluntários contribuem para elevar o nível educativo das populações. Disse que os

bombeiros desejam que lhes sejam facultados os meios necessários para melhor protegerem a vida do seu semelhante e afirmou que os voluntários do S. S. podem orgulhar-se por terem adquirido dois poderosos elementos, que tornarão mais eficaz a sua acção. Referindo-se à Liga dos Bombeiros, disse que, graças aos esforços desta, já tinham sido atendidas algumas aspirações dos bombeiros, a principal das quais era a de ser considerada a sua função como de utilidade pública.

Em seguida falou o Snr. Eng.º Mendia, que elogiou os bombeiros ferroviários, classificando-os de ordeiros e disciplinados, com grandes qualidades de iniciativa e sempre dispostos aos maiores sacrifícios. Pelos predicados expostos, a sua acção de comandante foi muito facilitada. Produziu também largas considerações ao alto e valiosíssimo patrocínio da C. P., a tôdas as iniciativas do seu pessoal para bem da humanidade, pelo que protegia a Corporação do Sul e Sueste.

Encerrou a sessão o Snr. Presidente da Câmara do Barreiro que afirmou a sua simpatia pelos bombeiros do S. S., nos quais encontrou sempre dedicação sem limites e corajosa acção, congratulando-se por isso e por terem sido inauguradas duas viaturas de grande utilidade pública que tornavam mais eficientes os serviços. Concluindo, disse que podiam os bombeiros do Sul e Sueste contar com o auxílio do Município.

Terminada a sessão com grande brilhantismo, desfilaram pelas principais ruas da vila as corporações, representações e viaturas.

Seguidamente foi servido um lanche no Refeitório do pessoal da C. P. a tôdas as crianças do Orfanato dos Ferroviários da C. P. e Instituto dos Ferroviários do Sul e Sueste.

O Snr. Eng.º Mendia representou os Snrs. Presidente do Conselho de Administração, Director Geral e Chefe da Divisão do Material e Tracção.

Ateneu Ferroviário

No dia 9 de Janeiro passado o Snr. Alfredo Júlio dos Santos, Chefe de Repartição do Serviço de Contabilidade Central, realisono no Ateneu

Ferroviário uma interessante conferência sobre o «Mutualismo na classe ferroviária».

Presidiu à sessão o Snr. Vasco de Moura, Secretário adjunto da Direcção Geral, secretariado pelos Snrs. Comercialista Francisco Pinto Moledo, Chefe de Serviço Adjunto da Contabilidade Central, e Felix Perneco, Chefe de Repartição Principal da Divisão de Exploração.

O conferente, que provou ter estudado conscientemente o assunto da sua exposição, foi muito justamente aplaudido e felicitado pela numerosa assistência.

Montepio Ferroviário

Acentua-se, de ano para ano, desde 1933, data em que se adoptou o método actuarial, a prosperidade desta já hoje importante Instituição de Previdência, a mais antiga das Associações de Socorros Mútuos da Classe Ferroviária.

Pelo Relatório e Contas da Gerência de 1936 agora publicado verifica-se que em 1935, a cobrança de cotas foi de escudos 331.675\$70 e os legados pagos 163.217\$20, e em 1936 a cotização foi de 322.653\$60 e a importância dos legados liquidados foi de escudos 186.129\$15.

Os fundos, que em 1935 eram já de 622.098\$79, passaram em 1936 para escudos 806.380\$83, havendo, portanto, um aumento de 184.282\$04.

As suas «Reservas Matemáticas» estão integralmente realizadas, existindo um excesso que está creditado no «Fundo de Reserva».

Todos os anos se tem verificado uma sensível economia nas «Despesas Administrativas» e que, no ano a que diz respeito o Relatório a que nos estamos referindo, atingiu a verba de 6.723\$20 em relação à importância orçamentada.

Com prazer, verificamos os progressos constantes desta prestimosa Associação.

Errata

No Boletim n.º 93 de Março passado, página 89, linha 46.ª, onde se lê *Foguetos de 2.ª classe*, deve lêr-se, *Marinheiros de 2.ª classe*.

Pessoa

Actos dignos de louvor

O carregador da estação de Sintra, Snr. Joaquim Bernardo Carvalho, encontrou na plataforma da estação de Bemfica em 24 de Fevereiro passado, um relógio marca *Longines* que entregou prontamente ao chefe daquela estação, a-pesar-de ninguem o ter visto encontrar o relógio.

O servente, Snr. José dos Santos encontrou no dia 2 de Março passado, no Arquivo da Direcção Geral, quando ahi procedia à limpeza, um relógio que imediatamente o entregou ao Chefe do pessoal menor.

*

Registamos com prazer estes actos de honestidade.

Agradecimentos

Pedem-nos a publicação do seguinte agradecimento:

Manuel Gomes Moreira de Pinho, tendo no dia 18 de Janeiro p. p. sido operado pelo distinto cirurgião

Ex.^{mo} Snr. Dr. Azevedo Gomes, no hospital de Santo António dos Capuchos, onde esteve internado, vem por este meio patentear o grande reconhecimento em que está para com tão erudito cirurgião, testemunhando, assim, publicamente, e já completamente restabelecido, o muito que a S. Ex.^a deve pelo bom êxito da operação, reconhecimento que torna extensivo aos seus Ilustres Médicos ajudantes, ao Fiscal Ex.^{mo} Snr. Alexandre dos Santos Pinto e aos Enfermeiros, chefe e sub-chefe da sala n.º 1 do Serviço n.º 6 do referido hospital.

Também deseja manifestar a sua gratidão ao Médico da sua zona Ex.^{mo} Snr. Dr. Fernando Wanzeller Pessoa pela cuidadosa assistência que lhe prestou.

Ainda, e na impossibilidade de, pessoalmente, agradecer a todos os seus Ex.^{mos} superiores, colegas e agentes dos diferentes serviços da Companhia que se interessaram pela marcha da sua doença, fá-lo também por este meio. — Manuel Gomes Moreira de Pinho, Fiscal de revisores.

Também o Snr. Júlio da Silva Ricardo, condutor de 2.^a classe, pede-nos a publicação do seguinte agradecimento:

«Embora ferindo a modéstia do Ex.^{mo} Snr. Dr. José da Cunha Paredes, venho publicamente patentear quanto agradeço a mim a prontidão com que acorreu à minha habitação apoz a minha longa doença, e bem assim a rapidez e acerto com que a diagnosticou e ainda por muito ter facilitado o meu internamento na Enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José donde é mui digno médico assistente.

«Ingratidão seria não publicar também o meu agradecimento ao Ex.^{mo} Snr. Dr. Cencelha d'Abreu Dig.^{mo} Director da Enfermaria Sousa Martins do Hospital de S. José para onde mais tarde fui transferido pela solicitude e carinho com que também fui tratado.

Promoções

SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Empregado Principal: Ernesto Gomes Fernandes.

Empregados de 1.^a classe: Armando Faria Artur e Fernando Pais André.


Nomeações

Janeiro e Fevereiro

SERVIÇO DE SAÚDE E DE HIGIENE

Médico de 25.^a Secção: Dr. António Sotéro de Oliveira.

**AGENTE QUE COMPLETA 40 ANOS
DE SERVIÇO**



Manuel Lázaro Pereira
Chefe de oficina
Admitido em 9 de Abril de 1897, como carpinteiro auxiliar

Médico da 37.ª Secção: Dr. Manuel Inácio Leite de Abreu Novais.

Médico da 66.ª Secção: Dr. Sebastião Pereira Branco.

Médico substituto da Assistência das Caldas: Dr. João Lourenço.

EXPLORAÇÃO]

Carregadores: José Lucas, Joaquim] Augusto e José Maria Machado.

[Mudanças de categoria

[MATERIAL E TRACÇÃO

Para:

Ordenança: O Limpador, Manuel Pereira] Rodrigues,

Transferência

SERVIÇO DE SAÚDE E HIGIENE

Janeiro

Escriturário de 3.ª classe:] Pelágio José Ramos, transferido da Divisão de-Material e Tracção.

Agentes reformados

SERVIÇO DE SAÚDE E HIGIENE

Janeiro e Fevereiro

Dr. João Lourenço Castelo Branco, médico substituto da Assistência de Lisboa.

Dr. Damião Vasconcelos Gavião Felix, médico da 66.ª Secção.

EXPLORAÇÃO

Janeiro e Fevereiro

Joaquim Francisco, guarda da estação de Coimbra.

José Agostinho, guarda da estação de Castelo Branco.

Luis Ventura de Barros, chefe principal de Porto.

Manuel Istidro Contente, chefe de 1.ª classe de Entroncamento.

José Paulo Barradas, fiel de estação de Lisboa Terreiro do Paço.

António Gonçalves Solha, fiel de estação de Porto.

Domingos Ferreira, condutor principal de Lisboa.

Filipe José Serra, guarda-freios de 1.ª classe de Barreiro.

Hermínio António de Jesus, revisor principal de Campanhã.

Augusto Luis, capataz de 1.ª classe de Barreiro.

Adolfo Bernardino, agulheiro de 3.ª classe de Alvalade.

António Rodrigues Barreira, carregador de Lisboa Jardim.

José Alves de Azevedo, carregador de Alfandega.

José Coelho do Vale, servente de Viana do Castelo.

MATERIAL E TRACÇÃO

Fevereiro

Lino José Cardoso, chefe de revisão.

Manuel Ferreira Fructuoso, maquinista de 2.ª classe.

António de Sousa, maquinista de 3.ª classe.

José Videira, capataz.

Manuel Cardoso, limpador.

Augusto de Azevedo, limpador.

Guilherme Augusto Fernandes, limpador.

VIA E OBRAS

Fevereiro

José dos Santos Oliveira, Chefe de distrito.

José Tomé, Assentador de distrito.

Manuel Mendes, Assentador de distrito.

José dos Santos Valentim, Assentador de distrito.

Mariana da Conceição, Guarda de distrito.

Maria Goes da Luz, Guarda de distrito.

Maria Emilia, Guarda de distrito.

Maria Romazinha, Guarda de distrito.

Isabel dos Ramos, Guarda de distrito.

António Domingos, Carpinteiro do G. P. Permanente.

José Martinho, Creosotador do G. P. Permanente.

Falecimentos

Mês de Fevereiro

EXPLORAÇÃO

† *Alfredo Francisco Tavares*, Empregado de 1.^a classe dos Serviços Gerais.

Admitido como carregador auxiliar em 21 de Setembro de 1912, foi nomeado carregador do quadro em 15 de Janeiro de 1916, passado a praticante de escritório em 1 de Janeiro de 1928 e promovido a empregado de 1.^a classe em 1 de Janeiro de 1937.

Em 30 de Julho de 1936 foi mandado felicitar pelo Chefe da Divisão de Exploração, por bons serviços prestados.

† *Manuel Gaspar dos Santos Júnior*, Empregado de 2.^a classe do Serviço do Movimento.

Admitido como praticante de escritório em 11 de Julho de 1927, foi nomeado empregado de 3.^a classe em 1 de Janeiro de 1929 e promovido a empregado de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1935.

† *António Duarte Lopes*, Fiel de 2.^a classe de Gaia.

Nomeado carregador em 1 de Janeiro de 1917, foi promovido a conferente em 1 de Março de 1920 e a fiel de 2.^a classe em 1 de Julho de 1928.

† *José Cardoso*, Carregador de Lisboa P.

Admitido como carregador suplementar em 12 de Dezembro de 1925, foi nomeado carregador efectivo em 21 de Setembro de 1927.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *Pedro Martins*, Empregado de 2.^a classe.

Admitido em 30 de Maio de 1927, como Praticante de Escritório adventício, nomeado Empregado de 3.^a classe em 1 de Janeiro de 1933 e promovido a Empregado de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1937.

VIA E OBRAS

† *António Rodrigues Malta*, Chefe de Repartição Principal.

Admitido como auxiliar em 7 de Novembro de 1898, foi nomeado amanuense de 4.^a classe em 2 de Janeiro de 1900 e promovido a 3.^a classe em 1 de Janeiro de 1901. Depois de ter passado sucessivamente pelas diversas categorias foi promovido a Chefe de Repartição em 1 de Janeiro de 1924 e, finalmente, a Chefe de Repartição Principal em 1 de Janeiro de 1934.

Dotado de excelentes qualidades de trabalho e de caracter, soube-se fazer estimar por todo o pessoal com quem serviu.

† *Manuel Rodrigues*, Chefe de distrito n.º 140. Admitido como Assentador em 21 de Abril de 1912.

† *Maria Luiza*, Guarda do distrito n.º 433. Admitida como Guarda em 27 de Julho de 1917.



† António Rodrigues Malta
Chefe de Repartição Principal



† Alfredo Francisco Tavares
Empregado de 1.^a classe



† Pedro Martins
Empregado de 2.^a classe



† José Cardoso
Carregador de Lisboa P.

Duplas

10 — Estou numa *maré forte* de *penúria* — 2.

Preste João

11 — Principal é o nome que em *Penafiel* se dá ao «*Dom Fafe*» — 3.

Manelik

12 — Não seja *capanga*, faça de *valentão* — 3.

Diabo Vermelho

13 — Como este *pequeno rio* se transformou num canal de grande utilidade! — 5.

Augusto

14 — O amor *lascivo* finda sempre em *paixão amorosa* — 4.

Bastos

15 — Tome-se uma *repreensão* mas com *educação* — 3.

Fê

Em frase

16 — Na *margem* do rio encontrou a *morte* o homem *oprimido* — 2-2.

Roldão

17 — Se na *infusão* das *fôlhas* do *arbusto* da *família* das *theáceas* mergulhares uma *lente biconvexa*, verás um *barco de vela e remos* — 1-2.

Theseu

18 — *Apoquento* alguém que *assuma expressão alegre*, mas sem *maus tratos* — 3-2.

Marcial

19 — *Sobre* este *interstício* que *separa as moléculas dos corpos*, resolvi um *problema de difícil resolução* — 1-2.

O Profeta

20 — Ainda tive o *recurso* de, numa *embocadura estreita*, *rehaver a pasta de estudante* — 2-2.

Marquês de Carinhas

21 — Se *você* vai para essa *banda*, *arrisca-se a encontrar um animal mosqueado* — 2-2.

Sempre fixe

Sincopadas

22 — 3-Não deve *mover a roda* sem *segurar bem o eixo* — 2.

Roldão

23 — 3-O *dinheiro* do «*antigo imposto nos vinhos que saíam do Porto*» foi encontrado dentro da *trouxa de vagabundo* — 2.

Labina

24 — 3-*Consolar os desventurados é respeitar a tristeza alheia* — 2.

Cagliostro

25 — 3-*Tecer um enrêdo é habilidade* que nunca tive — 2.

Britabrantes

Tabela de preços dos Armazéns de Víveres, durante o mês de Abril de 1937

Géneros	Preços	Géneros	Preços	Géneros	Preços
Arroz Nacional.. kg.	2\$50 e	Cebolas..... kg.	variável	Presunto..... kg.	11\$00
» Valenciano..... kg.	2\$85	Chouriço de carne..... »	14\$00	Petróleo-Em Lisboa.. lit.	1\$30
Açúcar de 1. ^a Hornung »	4\$35	Far. ^a de milho branco.. kg.	1\$20	» - rest. Armazens »	1\$35
» » 1. ^a manual. »	4\$15	» » » amarelo. »	1\$20	Queijo da Serra... kg.	11\$00
» » 2. ^a Hornung »	4\$15	» » » trigo..... kg.	2\$15	Queijo flamengo... 20\$00 e	22\$00
» » 2. ^a manual. »	3\$90	Farinheiras..... »	7\$00	Sabão amêndoa... »	\$95
» pilé..... »	4\$25	Feijão amarelo.. »	1\$60	» Offenbach..... »	2\$20
Azeite de 1. ^a ... lit.	8\$50	» branco..... »	1\$60	Sal..... lit.	\$30
» » 2. ^a »	8\$10	» frade..... 1\$20 e	1\$50	Sêmea..... kg.	\$75
Bacalhau inglês 4\$10, 4\$70, 5\$15 e	5\$70	» manteiga..... lit.	1\$80	Toucinho..... »	6\$40
» Islândia..... kg.	4\$20	Lenha..... kg.	\$20	Vinagre..... lit.	1\$15
Bacalhau Português 4\$10, 3\$40, 4\$70 e	5\$00	» de carvalho..... »	\$25	Vinho branco-Em Campanhã. lit.	1\$70
» Sueco..... »	4\$60	Manteiga..... »	16\$50	» » -Rest. Armazens »	1\$65
Banha..... »	7\$20	Massas..... »	3\$40	» tinto-Em Gaia..... »	1\$70
Batatas..... »	variável	Milho..... lit.	\$85	» » -Em Campanhã.. »	1\$70
Carvão sôbro kg. \$50, \$55 e	\$60	Ovos..... duz.	variável	» » -Restant. Armazens »	1\$65

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazem do Barreiro são acrescidos do imposto camarário.

Além dos géneros acima citados, os Armazens de Víveres têm à venda tudo o que costuma naver nos estabelecimentos congêneres e mais, tecidos de algodão, atalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números deste Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12\$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um **Fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção (**Boletim da C. P.**).